

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Artes e Comunicação Social
Departamento de Cinema e Vídeo
Bacharelado em Cinema e Audiovisual**

HUGO KATSUO OTHUKI OKABAYASHI

PORNOGRAFIA GAY E RACISMO:

a representação e o consumo do corpo amarelo na

pornografia gay ocidental

NITERÓI, 2019

HUGO KATSUO OTHUKI OKABAYASHI

PORNOGRAFIA GAY E RACISMO:

a representação e o consumo do corpo amarelo na

pornografia gay ocidental

Monografia apresentada à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau em bacharel em Cinema & Audiovisual.

Orientação: Profa. Dra. Mariana Baltar Freire

Niterói, 2019

PARECER DE PROJETO EXPERIMENTAL

| | | |
|---|---------------------------------|----------------------|
| Aluno: | Hugo Gustavo Otobacki Otobacki | |
| Curso: | Cinema e Audiovisual | Matricula: 216052119 |
| Título | | |
| Pornografia gay e racismo: a representação e o consumo de corpo negro e na pornografia gay ocidental | | |
| Banca Examinadora | | |
| Prof. Orientador | MARIANA BALTAR | |
| Membro Interno | DANIELA MAZUR | |
| Membro Externo | MAURÍCIO DE BRAGANÇA | |
| Data de Apresentação | 26 de junho de 2023 | |
| Parecer | | |
| A banca destaca a densidade da pesquisa, a elegância e clareza da escrita e presença de recorte, apontando para futuros e necessários desdobramentos. Destaca, sobretudo, o potencial teórico de pesquisa do estudante, recomendando fortemente a continuidade das pesquisas. | | |
| Nota Final | 20,0 (dez) | |
| Assinaturas da Banca | | |
| Prof. Orientador | Mariana Baltar Feio | |
| | Daniela de Souza Mazur Monteiro | |
| | Maurício de Bragança | |

Dedicado ao meu falecido avô.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientação da professora Dr^a. Mariana Baltar Freire que muito me ajudou a pensar as dinâmicas raciais na pornografia gay ocidental. E também agradeço ao Coletivo Asiáticos Pela Diversidade por todo o trabalho feito em prol de asiático-brasileiros LGBTs.

“And if Asian men have no sexuality, how
can we have homosexuality?”

Richard Fung, 1991.

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é entender como o homem amarelo é racializado a partir de processos históricos que construíram imagens e estereótipos associados a ideia de emasculação. Além disso, pretendeu-se também analisar a representação e o consumo deste corpo na pornografia gay ocidental, partindo das dinâmicas de desejo e deseabilidade dentro da comunidade gay, tal como a partir da crise identitária da branquitude na contemporaneidade.

Palavras-chave: asiáticos; pornografia gay; representação; raça; outridade.

ABSTRACT

The main goal of this undergraduate thesis is to understand how the yellow men is racialized through historical processes which build images and stereotypes associated to the idea of emasculation. Beyond that, it was intended to analyze the representation and the consume of this body in the western gay pornography, taking as starting point the dynamics of desire and desirability within the gay community, and as from the identitary crisis of the whiteness in the contemporaneity.

Key-words: Asians; gay pornography; representation; race; otherness.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| I – OS PROCESSOS DE RACIALIZAÇÃO DO HOMEM AMARELO..... | 10 |
| II – A REPRESENTAÇÃO E O CONSUMO DO HOMEM AMARELO NA PORNOGRAFIA GAY OCIDENTAL..... | 20 |
| III – ANÁLISES: COREOGRAFIA SEXUAL, HASHTAGS E COMENTÁRIOS EM VÍDEOS PORNÔS COM REPRESENTAÇÃO AMARELA..... | 30 |
| CONCLUSÃO..... | 40 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

Como um homem asiático-brasileiro gay, nunca me senti contemplado totalmente por nenhuma pauta da militância LGBT brasileira que carecia – e ainda carece – de recortes raciais. Para além disso, comecei a notar que não era visto da mesma forma que um homem gay branco era – ele era um corpo neutro e desejável e eu era um corpo marcado por estereótipos, devido aos processos históricos de racialização do homem amarelo. Estudando sobre as dinâmicas de desejo e desejabilidade na comunidade gay, fui percebendo também que, neste aspecto, me encontrava em duas esferas: a da total rejeição e a da fetichização.

Um dia, em uma festa de música pop sul-coreana, uma menina branca – heterossexual e cisgênera – me parou para dizer que, depois que começou a ouvir K-pop¹, começara também a ver pornografia gay com atores asiáticos. Comecei a questionar-me sobre as dinâmicas raciais dentro da pornografia gay ocidental, tanto no âmbito da representação quanto no da espetatorialidade – e de que forma ela poderia ter efeitos sobre a realidade material. A partir destes questionamentos, debruicei-me em pesquisas sobre pornografia, raça, representação e consumo.

Antes disso, entretanto, foi necessário me situar no campo da cultura. Para entendermos melhor como o cinema pornográfico configura-se enquanto um lugar com grande potencial de criar noções sobre corpos e construir dinâmicas de desejo e desejabilidade, é preciso contextualizarmos o local da cultura na difusão de consensos e na manutenção da hegemonia. Os debates travados pelo filósofo italiano Antonio Gramsci em torno da questão cultural contribuiu e contribui, até os dias atuais, para fomentar esta discussão sobre a cultura.

A cultura, dentro do léxico gramsciano, é uma expressão da sociedade. Gramsci entende a imprensa como uma das principais organizações culturais, e incluso nela, estão os meios audiovisuais, que possuem características singulares devido ao seu rápido e maior alcance de difusão ideológica, apesar de possuir um menor aprofundamento das questões (Almeida, 2011, p. 126). Tal difusão ideológica constitui uma maneira de criar concepções de mundo, sentidos comuns, que, para o filósofo marxista, são inúmeras e escolhidas. Estas escolhas, entretanto, não são feitas necessariamente por má-fé, elas são, na maioria das vezes, impostas ideologicamente

pelos grupos dominantes sobre os grupos intelectualmente subordinados.

Este contraste entre o pensar e o agir, isto é, a coexistência de duas concepções de mundo, uma afirmada por palavras e a outra manifestando-se na ação efetiva, nem sempre se deve à má-fé. A má-fé pode ser uma explicação satisfatória para alguns indivíduos considerados isoladamente, ou até mesmo para grupos mais ou menos numerosos, mas não é satisfatória quando o contraste se verifica nas manifestações vitais de amplas massas: neste caso, ela não pode deixar de ser a expressão de contrastes mais profundos e natureza histórico-social. Isto significa que um grupo social, que tem sua própria concepção de mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, de modo descontínuo e ocasional – isto é, quando tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico –, toma emprestado a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que não é sua, e a afirma verbalmente, e também acredita segui-la, já que a segue em “épocas normais”, ou seja, quando a conduta não é independente e autônoma, mas sim submissa e subordinada. É por isso, portanto, que não se pode separar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo, são também elas, fatos políticos (Gramsci, 2018, p. 97).

No pensamento gramsciano, todos os indivíduos são filósofos a partir do momento em que a filosofia está contida na linguagem, no senso comum ou no bom senso e também no folclore. Afinal, todos possuem concepções do mundo sejam elas impostas mecanicamente ou criadas de forma crítica. Desta forma, é preciso entender também o local do intelectual, sobretudo o artista e, no caso específico desta pesquisa, o cineasta, enquanto responsável pela difusão de sentidos comuns. Em seu livro *Film, politics and Gramsci*, Marcia Landy escreve que, dentro de um pensamento gramsciano, a cultura não estaria dissociada da política ou subordinada a ela. Para a autora, Gramsci teria redefinido a noção do político “através de um entendimento das formas protéicas da ‘sociedade civil’ em relação a e contra as noções do Estado”² (1994, p. 75, tradução nossa³). A pornografia, por sua vez, não está isenta de seu caráter político, seja na manutenção de uma hegemonia ou na tentativa de se criar uma contra-hegemonia.

A partir deste pensamento, iremos investigar, no primeiro capítulo, como que se dão os processos de racialização do homem amarelo, embasadas em sua emasculação, e de que forma a cultura de massa, junto a outras políticas que visam a

¹ Música pop sul-coreana.

² “through an understanding of the protean forms of “civil society” in relation to and against notions of the state.”

³ Todas as citações com nota de roda-pé em inglês são traduções nossas.

manutenção da hegemonia branca euro-norte-americana, estabelece-se como difusora de sentidos comuns em torno de corpos não-brancos. Além disso, será de grande valor entender que tais sentidos comuns, através de práticas imperialistas, também se difundem em outros países fora do contexto europeu e norte-americano, sobretudo no caso do Brasil.

No segundo capítulo, contextualizaremos a construção de uma hegemonia dentro da própria comunidade gay, que se pauta na branquitude, e de que forma elas moldam as dinâmicas de desejo e desejabilidade dentro dela. É-nos necessário também indicar de que forma o desejo pela Outridade se configura nestas relações, a partir de uma crise identitária branca ocidental na pós-modernidade, que faz com que pessoas brancas voltem seu olhar para o *Outro*, o “primitivo”, colocando em evidência suas fantasias em relação às pessoas racializadas a partir de um olhar fetichista e estereotipado. Posto isto, é importante colocarmos como esse desejo pelo corpo racializado, especificamente do homem amarelo, se estabelece nas práticas representacionais dentro da pornografia gay ocidental. A lógica da espetatorialidade também não poderá ser ignorada, tendo em vista que para toda obra audiovisual existe um público-alvo específico e seu consumo pode (ou não) estar associada à fetichização racial.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos quatro vídeos pornôis gays com representação amarela – dois interracialis e dois intrarracialis – a partir da coreografia sexual, das hashtags e dos comentários, no intento de entender as semelhanças e as diferenças representacionais e de espetatorialidade. Desta forma, tanto os processos de racialização do homem amarelo poderão ser vistos a partir da representação e do olhar do espectador, que significa as imagens a partir de suas concepções de mundo. Além disso, é-nos interessante observar também como que a fetichização do corpo amarelo é dado a partir das demarcações raciais do público dos vídeos pornôis. E tentaremos nos questionar quais são os pontos hegemônicos e contra-hegemônicos presentes nos vídeos analisados.

I – OS PROCESSOS DE RACIALIZAÇÃO DO HOMEM AMARELO

Neste capítulo, veremos como os processos de racialização ocorrem de forma sistemática e intencional – como um projeto conscientemente arquitetado e posto em prática pela branquitude euro-norte-americana e difundida para o resto do mundo. O processo de racialização consiste na socialização de pessoas não-brancas embasada “em várias combinações de critérios físicos, culturais e comportamentais”⁴ (Keller, 2003, p. 38 apud Daroya, 2011, p. 12). A racialização de homens amarelos é complexa configurando-se, sobretudo, em sua emasculação, ou seja, na privação de uma masculinidade branca ocidental, na ideia de que o homem amarelo é castrado e, portanto, menos homem que os demais – sempre em contraposição ao corpo negro animalesco, bestializado. Para além disso, é impossível pensar neste processo desvinculado de certos elementos que circundaram a racialização de homens amarelos, desde as leis anti-imigratórias estadunidenses cujas quais dificultaram a naturalização de asiáticos nos EUA; a intensa propaganda anti-asiática na indústria do entretenimento hollywoodiana responsável pela formação de um senso comum racista em torno de tais corpos; a configuração do mito da minoria modelo enquanto uma instrumentalização de indivíduos asiáticos para a propagação da anti-negritude; indo até o discurso colonizador orientalista de dominação do Ocidente sobre o chamado “Oriente”. Todos estes componentes combinados e propagados pelo mundo através do imperialismo estadunidense e sua cultura de massa, implicou na racialização do homem amarelo enquanto o “Outro” emasculado e infantilizado – elementos presentes no imaginário da pornografia gay ocidental.

Começamos conceitualizando o Orientalismo, fundamental para entendermos como o eixo euro-norte-americano utiliza-se das representações para dominar tudo aquilo que foge de seu padrão estético, cultural e ideológico no intento de manter a sua

⁴ “various combinations of physical, cultural, and behavioural criteria”

hegemonia mundial. O Orientalismo, segundo Edward S. Said (2007, p. 29), é um “estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente”. Em outras palavras, é a partir do Orientalismo que o Ocidente é autorizado a colonizar, governar, supor e representar o “Oriente” e os “orientais”. Said exemplifica a representação do “Outro” – do “oriental” – a partir do encontro de Flaubert com uma cortesã egípcia, Kuchuk Hanem. O homem, estrangeiro e rico, podia não só possuí-la como também falar por ela, retratando-a como “tipicamente oriental”, sem que ela pudesse se representar. O Orientalismo é, portanto, também um discurso de poder, “um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia” (2007, p. 27). O “Oriente” foi inventado – ou, nas palavras de Said, “orientalizado” – pelo Ocidente, a partir de suas diferenças. Para os Estados Unidos, o interesse estaria no Extremo Oriente, igualmente exótico.

O conceito de Orientalismo é retomado por Emerich Daroya (2011, p. 23-24), que atribui a emasculação do homem amarelo a ele. No imaginário orientalista, corpos asiáticos são vistos como femininos em oposição à masculinidade do homem branco ocidental – processo que ocorre também com homens negros, que são vistos como “perigosos e hiperssexualizados”. Segundo o autor, para além de colocá-los como “femininos, delicados e assexuados”, o orientalismo retrata asiáticos como “estrangeiros, exóticos e diferentes”. Desta forma, o corpo negro e o corpo asiático encontram-se em extremos opostos, enquanto o homem branco, por sua vez, permanece imune a estereótipos, visto que é o corpo neutro. Dentro desta perspectiva do branco enquanto o ser universal, Richard Dyer, em seu livro *White*, onde ele analisa o imaginário da branquitude sobre ela mesma, afirma que, devido ao fato de pessoas brancas estarem representadas em todos os lugares, elas não são vistas como racializadas:

Branco estão representados em todo lugar. Precisamente por causa disso e do seu lugar enquanto norma, eles parecem não ser representados a eles mesmos como brancos, mas como pessoas cujas quais são variadas em gênero, classe, sexualidade e capacidade. No nível de representação racial, em outras palavras, brancos não são uma certa raça, eles são apenas a raça humana.⁵ (Dyer, 1997, p. 3)

⁵ Whites are everywhere in representation. Yet precisely because of this and their placing as norm they seem not to be represented to themselves as whites but as people who are variously gendered, classed, sexualised and abled. At the level of racial representation, in other words, whites are not of a certain race, they're just the human race.

Não podemos, portanto, ignorar a importância das representações na cultura de massa na formação de sentidos comuns, sobretudo no que diz respeito à questão racial, ainda mais em um contexto norte-americano, onde ela exerce uma influência global. A branquitude se auto-representa, na cultura, como sendo universal, ou seja, sem se colocar enquanto branca. Por outro lado, para tal, ela precisa, em contrapartida, racializar outros corpos e representá-los como desviantes desta norma. Dentro desta dinâmica, a cultura possui um lugar essencial nos processos de racialização e, por conseguinte, na difusão do Orientalismo. Para Edward Said, atuando no que Gramsci chama de sociedade civil, a cultura auxilia na manutenção da hegemonia através de uma liderança cultural. O cinema e o audiovisual, é claro, não estão excluídos desta dinâmica.

Gramsci fez uma útil distinção analítica entre a sociedade civil e a política, na qual a primeira é composta por associações voluntárias (ou, pelo menos, racionais e não coercivas), como escolas, famílias e sindicatos, e a última é construída de instituições estatais (o exército, a polícia, a burocracia central), cujo papel na vida política é a dominação direta. A cultura, é claro, deve estar em operação dentro da sociedade civil, onde a influência de ideias, instituições e pessoas não funciona pela dominação, mas pelo que Gramsci chama consenso. Numa sociedade não-totalitária, portanto, certas formas culturais predominam sobre outras, assim como certas ideias são mais influentes que outras; a forma dessa liderança cultural é o que Gramsci identifico como hegemonia, um conceito indispensável para qualquer compreensão da vida cultural no Ocidente industrial. É a hegemonia, ou antes o resultado da hegemonia cultural em ação, que dá ao Orientalismo a durabilidade e a força de que tenho falado até o momento. (Said, 2007, p.34)

A cultura de massa, conseqüentemente, configura-se como um veículo no qual o Orientalismo é difundido, através de suas representações. O Orientalismo esteve presente nas produções cinematográficas hollywoodianas, ajudando a perpetuar o estereótipo do homem asiático emasculado, afeminado, na intenção de fazer com que se tornassem indesejáveis para mulheres estadunidenses, de forma a minar a possibilidade de conseguirem o status de cidadania. Em seu artigo *Feminization of Asian (American) Men in the U.S. Mass Media: An Analysis of The Ballad of Little Jo*, Chiung Hwang Chen analisa o filme *The Ballad of Little Jo* (1993), apresentando estereótipos do homem asiático emasculado. O filme conta a história de Jo Monaghan, que trabalhou como rancheira por décadas passando-se por um homem. Ela se apaixona por um chinês que, por sua vez, não é retratado como o homem branco masculino e forte o suficiente para salvar a sua amada – ele é retratado como

“fisicamente frágil”. Para o autor, sua “fraqueza, tenha sido essa a intenção ou não, serve como um símbolo de demasculinização do homem asiático realizada através do emprego assalariado nos Estados Unidos” (Chen, 1996, p. 66-67)⁶.

Outro exemplo de um filme hollywoodiano de sucesso (mundial) que traz a problemática do estereótipo do homem asiático é *Bonequinha de Luxo* (1961) que, para além de trazer a prática de yellowface⁷, constrói uma caricatura de uma pessoa asiática sexualmente indesejável. O personagem de Mick Rooney é caracterizado pelo seu sotaque, seus olhos – tão fechados que ele mal consegue enxergar –, seu jeito atrapalhado e, sobretudo, sua estranheza estética. Ele, de fato, assim como o homem chinês de *The Ballad of Little Jo*, é o oposto do herói branco desejável, promovendo, assim, a ideia de um indivíduo asiático emasculado, quase assexuado, indesejável. Em uma cena, o personagem de Mick Rooney anda pela sala de sua casa com dificuldades, devido aos seus olhos serem muito fechados e ele ter pouca visão do espaço onde caminha. Esbarrando em objetos de forma desastrosa, enquanto resmunga com um sotaque bem demarcado, o personagem funciona quase como um elemento cômico no enredo.

A representação de homens amarelos ganha este espaço cômico no cinema e audiovisual estadunidenses, a partir do processo de emasculação. No filme *Se beber, não case* (2009), de Todd Phillips, há uma cena específica com o ator Ken Jeong interpretando o personagem Mr. Chow na qual o ar de comicidade em torno da emasculação do homem amarelo se coloca em evidência. Mr. Chow está preso no porta-malas do carro dos protagonistas e, quando descoberto, aparece em um nu frontal, no qual a emasculação se dá de forma literal – com a quase ausência do falo. A nudez explícita tem um teor cômico, apresentando outros estereótipos raciais como o “sotaque asiático”, que se sustenta, sobretudo, no personagem literalmente emasculado. No capítulo “Penis-Size Jokes and Hollywood’s Unconscious”, do livro *Running Scared: Masculinity and the Representation of the Male Body*, Peter Lehman analisa as piadas sobre tamanho peniano nos filmes hollywoodianos e, recuperando G. Legman, pontua que este tipo de humor vem da fragilidade de masculinidade em relação ao medo dos homens de sua própria castração:

⁶ “weakness, whether intended to do so or not, serves as a symbol of the de-masculinization of the Asian male accomplished through paid employment in the United States.”

Ele argumenta que uma importante função do humor sexual é ajudar no controle das intensas ansiedades que são compartilhadas pelo contador e pelo ouvinte. Na sociedade ocidental contemporânea, estas ansiedades culturalmente determinadas lidam primariamente com doenças venéreas, homossexualidade e castração. Muitas piadas de tamanho peniano nos filmes, de fato, parecem parcialmente explicadas em relação ao conceito de controlar a ansiedade e podem ser classificadas como piadas de castração.⁸ (Lehman, 2007, p. 120)

Para entendermos o processo de racialização de corpos amarelos, é necessário também compreendermos as dinâmicas imigratórias dos EUA. É-nos importante, entretanto, lembrar que, apesar desta questão estar contextualizada em um país específico, os EUA são uma potência mundial e ditam, através de suas políticas imperialistas que buscam homogeneizar o mundo cultural e ideologicamente a partir do seu olhar, certas noções sobre corpos racializados. Portanto, por mais que, no Brasil, por exemplo, a cidadania de pessoas asiáticas não foi negada da mesma forma que lá, a política anti-asiática difundiu-se no país, guardada as devidas proporções, e muito do que foi construído na América do Norte, reverberou para a América Latina, sobretudo os processos de racialização do homem amarelo – mais especificamente do chinês e do japonês, neste caso –, muito presentes nas revistas ilustradas e na literatura brasileiras do final do século XIX e começo do XX. Em sua tese de doutorado intitulada *Entre Gueixas e Samurais: a imigração japonesa nas revistas ilustradas (1897-1945)*, a historiadora nipo-brasileira Márcia Yumi Takeuchi faz uma análise em torno da importância da representação do indivíduo japonês nas revistas ilustradas brasileiras – na época, importantes para a difusão ideológica das classes dominantes às demais classes – para a construção de um imaginário popular estereotipado em torno destes corpos, partindo do pressuposto de que “a divulgação de charges políticas – que têm como tema os nipônicos – contribuíam para a construção da imagem da alteridade, ou seja do *Outro* que deveria ser exaltado ou desqualificado a sabor dos interesses em jogo dos produtores dos discursos” (Takeuchi, 2009, p. 5).

Retomemos às políticas anti-imigratórias dos EUA e suas contribuições para o processo de racialização dos homens amarelos. Para Erika Lee (2003, p. 21), a questão

⁷ Quando um ator branco interpreta uma personagem amarela.

⁸ “He argues that one important function of sexual humor is to aid in controlling intense anxieties that are shared by the teller and the listener. In contemporary Western society these culturally determined anxieties deal primarily with venereal disease, homosexuality, and castration. Many penis-size jokes in films do, in fact, seem partially explainable in relation to this concept of controlling anxiety and may be classified as castration jokes.”

racial, nos EUA, “não era o único fator moldando a lei de imigração, mas era a mais importante”⁹. Em 1882, houve o Ato de Exclusão a Chineses, que restringia e dificultava a imigração chinesa e a naturalização destes imigrantes.

O Ato de Exclusão Chinesa passou para o nível federal em 1882, mas foi em um contexto regional distinto da Califórnia nos anos 1870 que políticos e ativistas anti-chineses começaram a falar sobre fechar os portões da América pela primeira vez. Explícitos nos argumentos para a exclusão chinesa estavam vários elementos que seriam o fundamento da ideologia americana *gatekeeping*: racializando imigrantes chineses como permanentemente alienígenas e até inferiores com base nas suas relações de raça, classe, cultura e gênero; controlando-os através de limitações na mobilidade econômica, geográfica e de proibições na naturalização; e protegendo a nação usando o poder do Estado para excluir e restringir novos imigrantes e perseguir e deportar estrangeiros nos Estados Unidos. (Lee, 2003, p. 20)¹⁰

As leis anti-imigratórias dos EUA impediram que muitos homens chineses trouxessem suas mulheres para o país, ao mesmo tempo em que as leis anti-miscigenação impediam que eles construíssem uma família inter-racial. Além disso, devido às diferenças de oportunidade de emprego, foi minada a possibilidade de asiáticos exercerem trabalhos considerados “masculinos” e, logo, começaram a atuar como “cozinheiros, garçons, funcionários de lavanderia e trabalhadores domésticos, ou o que é tradicionalmente considerado ‘trabalho de mulher’” (Hoang, 2004, p. 225)¹¹. Logo, impossibilitados de constituírem uma família e serem considerados patriarcas, atuando em empregos ditos “femininos” e, conseqüentemente, desviando de um padrão heteronormativo, homens asiáticos foram considerados, “‘o terceiro sexo’ ou ‘um gênero de possibilidade sexual imaginada’”¹² (Hoang, 2004, p. 226). Concomitante a isto, está a questão da cidadania, negada a asiáticos devido ao Ato de Exclusão. Recuperando Lisa Lowe, Hoang explica que, nos EUA, a cidadania “originalmente confere o status de homem, de masculinidade, predicada à

⁹ “was thus not the only factor shaping immigration law, but it was the most important one.”

¹⁰ “The Chinese Exclusion Act was passed at the federal level in 1882, but it was in the distinct regional context of 1870s California that politicians and anti-Chinese activists began to talk about closing America’s gates for the first time. Explicit in the arguments for Chinese exclusion were several elements that would become the foundation of American gatekeeping ideology: racializing Chinese immigrants as permanently alien and even inferior on the basis of their race, class, culture, and gender relations; controlling them through limitations on economic and geographic mobility and prohibitions on naturalization; and protecting the nation by using the power of the state to exclude and restrict new immigrants and track and deport foreigners already in the United States.”

¹¹ “cooks, waiters, laundry workers, and domestic workers, or what is traditionally deemed ‘women’s work’”

¹² “‘the third sex’ or ‘a gender of imagined sexual possibility’”

branquitude”¹³. Em outras palavras, como Michael Park esclarece, “noções de cidadania são dependentes de e apoiados pela ideia de família patriarcal e de uma ‘masculinidade racionalizada’”¹⁴ (Park, 2012, p. 9). O status de cidadania estadunidense era privilégio apenas de homens brancos até que, em 1870, foi concedido a afro-estadunidenses. Para asiáticos, somente em 1943 foi-lhes designado este status e, portanto, o “Estado formalmente os designou como homens”¹⁵ (idem).

Esta ideia do asiático enquanto eterno estrangeiro, quase como uma alienígena, está ligada ao que Claire Jean Kim (1999) chama de “triangulação racial de asiático-americanos”. Partindo da ideia de que asiático-estadunidenses não sofrem de racialização isolados de outros grupos, a autora aponta que “asiático-americanos têm sido racializados em relação a e através de interações com brancos e pretos” (Kim, 1999, p. 106). Para a autora, brancos valorizam relativamente asiático-estadunidenses para, dessa forma, desvalorizarem ainda mais negros. Entretanto, ao mesmo tempo em que esse processo ocorre, há também um “ostracismo cívico” – atualmente, voltado para micro-agressões – em relação a asiáticos, onde eles são excluídos do corpo político e tem sua cidadania questionada, sendo colocados como eternos estrangeiros e, portanto, exotificados.

A triangulação racial ocorre através de dois tipos de processos simultâneos e ligados: (1) processos de “valorização relativa”, através dos quais o grupo dominante A (Branços) valoriza o grupo subordinado B (Asiático-americanos) em relação ao grupo subordinado C (Pretos) em aspectos culturais e/ou raciais no intento de dominar ambos os grupos, mas especialmente o último, e (2) processos de “ostracismo cívico”, através dos quais o grupo dominante A (Branços) constrói o grupo subordinado B (Asiático-americanos) como imutavelmente inassimiláveis em relação a brancos em termos culturais e/ou raciais no intento de ostracizar eles do corpo político e da filiação cívica. (Kim, 1999, p. 107).¹⁶

Vale reiterar que tal noção do asiático não-continental como um eterno estrangeiro foi difundido para outros países, inclusive o Brasil. Durante os séculos

¹³ “originally confers the status of maleness, of masculinity, predicate on whiteness”

¹⁴ “notions of citizenship are dependent on and supported by the idea of the patriarchal household and a ‘rationalized masculinity.’”

¹⁵ “the state had formally designated them as ‘male.’”

¹⁶ “Racial triangulation occurs by means of two types of simultaneous, linked processes: (1) processes of ‘relative valorization,’ whereby dominante group A (Whites) valorizes subordinated group B (Asian Americans) relative to subordinated group C (Blacks) on cultural and/or racial grounds in order to dominate both groups, but especially the latter, and (2) processes of ‘civic ostracism,’ whereby dominant group A (Whites) constructs subordinated group B (Asian Americans) as immutably foreign and unassimilable with Whites on cultural and/or racial grounds in order to ostracize them from the body politic and civic membership”

XIX e XX, com o mito do Perigo Amarelo, criado na Europa e exportado para outros países e continentes, a racialização do indivíduo asiático enquanto um ser inassimilável à cultura ocidental fez-se presente e ajudou a moldar todo um imaginário sobre estes corpos, que persiste até hoje. Para entendermos que as dinâmicas de racialização no Brasil eram similares às dos EUA, é-nos interessante analisar os discursos vigentes na época em relação à “questão chinesa” e à “infiltração japonesa”. Segundo Gabriela Akemi Shimabuko, idealizadora da principal página da recente militância asiático-brasileira, em seu artigo *Para além da fábula das três raças: uma introdução à percepção racial do amarelo e do japonês no Brasil*, os debates em torno da entrada ou não de imigrantes amarelos no Brasil, no entanto, “não é unânime nem constante” (Shimabuko, 2018, p.3):

Ao mesmo tempo que é aceito como mão de obra dócil, questões eugênicas estão continuamente presentes nas preocupações de políticos e acadêmicos brasileiros (TAKEUCHI, 2008). Por um lado, latifundiários cafeicultores defendem a imigração asiática — tanto a chinesa quanto a japonesa, em seus momentos respectivos — mais como instrumento, cuja branquitude é secundária à sua utilidade, para gerar e manter os lucros do café; por outro, imigrantes europeus brancos e seus descendentes anseiam pela modernização do Brasil de acordo com o modelo do Velho Mundo, receosos de que o emprego da mão de obra chinesa criaria “uma casta de escravos amarelos” (...).

Para além disso, Shimabuko também retoma o conceito de triangulação racial criado por Claire Jean Kim trazendo à realidade brasileira em que o “mito de origem brasileiro está apoiado na confluência simbólica das três raças: o branco, o negro e o ‘índio’, excluindo o fenótipo amarelo da brasilidade autêntica” (Shimabuko, 2018, p. 6). De acordo com a autora, esta exclusão remete ao início da imigração japonesa, em que já havia um grande medo em relação à falta de capacidade destes imigrantes em se assimilarem a outras culturas, uma das principais justificativas dos intelectuais antinipônicos para a não entrada de japoneses no país. Em seu livro *Raça e Assimilação*, por exemplo, o sociólogo, historiador e jurista, Francisco José de Oliveira Vianna, compara japoneses a enxofre, devido à sua suposta “insolubilidade” (Takeuchi, 2008, p. 47).

Os estereótipos raciais, no entanto, não são imutáveis e variam de acordo com as demandas da branquitude, que arquiteta e põe em prática novos processos de racialização. Se antes, os asiáticos, sobretudo japoneses e chineses, eram vistos como o Perigo Amarelo – perigosos e inassimiláveis –, nos anos 60, eles sofrem um

diferente tipo de racialização e tornam-se a minoria modelo. Ellen D. Wu (2014, p. 2) aponta que com o começo da Segunda Guerra Mundial, “as ambições geopolíticas dos Estados Unidos engatilharam mudanças sísmicas nas noções populares de nacionalidade e pertencimento”¹⁷. Logo, tentou-se desmantelar o Ato de Exclusão e, conseqüentemente, o lugar racial dos asiático-estadunidenses no país tornou-se incerto. Para resolver tal problema, criou-se um novo estereótipo: o da minoria modelo – “um grupo racial distinto da maioria branca, mas enaltecido e assimilado, passível de ascensão social, politicamente inofensivo e *definitivamente não-negro*”¹⁸. Charles R. Taylor e Ju Yung Lee, analisando a representação de asiáticos-estadunidenses nas propagandas de revistas nos EUA, afirmam que tal grupo é “renomado por sua forte ética no trabalho e auto-disciplina, excepcionais proficiências em matemática e ciência, e habilidade para se assimilar à cultura americana”¹⁹. Mas também colocam que dentro dessa dinâmica, os estereótipos que parecem positivos podem ter impactos individuais negativos em asiático-estadunidenses, visto que podem pressionar indivíduos que não se enquadram neles e também levar a um processo de assimilação. Nesta análise, os autores chegam à conclusão de que modelos asiáticos são mais representados em propagandas associadas à tecnologia e desprivilegiados nas demais, entre elas voltadas a produtos de beleza, moda e esportes. (Taylor; Lee, 1994, p. 239-240). Uma pesquisa similar foi feita no Brasil por Caynnã de Camargo Santos e Claudia Rosa Acevedo e aproxima-se “daqueles encontrados por autores estrangeiros em pesquisas anteriores” (Santos; Acevedo, 2013, p. 297).

O lugar dos indivíduos asiáticos enquanto uma minoria modelo corrobora a ideia de emasculação do homem amarelo a partir do momento em que ele é inofensivo, não se impõe politicamente e, logo, está desprovido de uma masculinidade branca ocidental – além de colocá-lo, muitas vezes, em estereótipos como o do *nerd*, com características que se opõem ao herói branco. Dessa forma, foi possível criar um novo tipo de racialização para asiáticos sem, contudo, retirar todos os preconceitos raciais até então vigentes. O mito da minoria modelo, como apontado no parágrafo anterior,

¹⁷“ the United States’ geopolitical ambitions triggered seismic changes in popular notions of nationhood and belonging”

¹⁸ “a racial group distinct from the white majority, but lauded as well assimilated, upwardly mobile, politically nonthreatening, and *definitively not-black*.”

¹⁹ “renowned for their strong work ethic and self-discipline, outstanding math and sciences skills, and ability to assimilate into American culture”

também ajuda a criar a dicotomia entre a masculinidade asiática e a negra. Se asiáticos são emasculados e “definitivamente não-negros”, logo, essas duas masculinidades racializadas são colocadas em extremos opostos. O corpo negro e o corpo asiático encontram-se, portanto, em dois pólos distintos.

II – A REPRESENTAÇÃO E O CONSUMO DO HOMEM AMARELO NA PORNOGRAFIA GAY OCIDENTAL

Para este capítulo, será preciso analisar como a comunidade gay construiu-se pautada na branquitude e de que forma este processo influencia e dita suas dinâmicas de desejo e desejabilidade, organizando desta forma uma hegemonia branca dentro dela, para, a partir disto, pensarmos no consumo da Outridade, que se sustenta nos estereótipos e diferenças raciais. Dentro desta perspectiva, recuperaremos Richard Fung (1991), pioneiro no debate da representação do homem amarelo na pornografia gay mainstream, e Daniel C. Tsang (1999), percebendo como tal corpo é frequentemente representado partindo dos processos de emasculação e, conseqüentemente, de uma submissão ao homem gay branco, além de pensarmos nas possibilidades de uma pornografia gay racializada independente. Em seguida, problematizaremos esta produção pornô independente a partir da lógica da espectadorialidade, ainda voltados para noção do consumo da Outridade.

Antes de qualquer análise em torno do nosso objeto – a pornografia gay ocidental – é necessário explorarmos como a comunidade gay se configura em termos raciais, quais são seus elementos estruturais que ditam uma “homonormatividade” e de que forma tais elementos moldam as dinâmicas de desejo e desejabilidade. No senso comum, a imagem de homens gays está associada à branquitude. Allan Bérubé, em seu texto *How Gay Stays White and What Kind of White It Stays*, entretanto, afirma que, apesar de algumas organizações gays e a mídia terem vendido uma imagem “positiva” e genérica da comunidade gay, para ganhar reconhecimento e credibilidade, como “luxuosa, majoritariamente masculina, majoritariamente composta por consumidores brancos com valores mainstream e, até mesmo, tradicionais”,²⁰ a comunidade gay não

²⁰ “upscale, mostly male, and mostly white consumer market with mainstream, even traditional, values”

é tão branca quanto parece. Para o autor, “homens gays de cor, trabalhando contra os estereótipos, se engajaram em uma longa e difícil luta para ganhar algum reconhecimento público de suas heranças culturais, ativismo político e existência diária”²¹ (2011, p. 203-204). Esta dinâmica, além de invisibilizar gays não-brancos, acaba também por excluir da “agenda de direitos gays” debates que supostamente não dizem respeito à sexualidade, como, por exemplo, o racismo (Bérubé, 2011, p. 205). Emerich Daroya (2011, p. 10), a partir da reflexão de Bérubé, coloca que este “‘processo de abraquecimento’ aponta para a relevância da branquitude e da classe como importantes forças estruturais na comunidade gay, que informam as ações de indivíduos”. Para Daroya, racismo e classismo são elementos que excluem homens gays não-brancos em prol da manutenção desta “imagem positiva” da comunidade gay, em outras palavras, em prol de manter uma homonormatividade que

se refere a um processo de abraçar agendas que visam a aceitação dentro do existente sistema econômico e político atualmente estabelecido, abandonando o compromisso com a redistribuição econômica e maior liberdade sexual. A homonormatividade abraça ideias normativas sobre família, casamento, etc., marginalizando indivíduos LGBTQ que são 'não-normativos' (...). (Daroya, 2011, p. 10-11)²²

Deste modo, levando em consideração as forças estruturais dentro da comunidade gay e sua relevância para entendermos as dinâmicas de comportamentos e desejos dentro dela, é-nos importante pensarmos no fator racial e em como ele emerge em relação ao desejo pelo corpo não-branco. Em seu texto *Comendo o Outro: desejo e resistência*, bell hooks abre um debate sobre raça, diferença e comodificação da *Outridade*, passando pelo pressuposto de que a identidade branca ocidental entrou em crise na pós-modernidade fazendo com que seu olhar se voltasse para o “primitivo”, trazendo à tona “fantasias e desejos inconscientes ‘obscenos’ associados ao contato com o Outro” (hooks, 2019, p. 66). Segundo a autora, “a cultura de massa é o local contemporâneo que ao mesmo tempo declara publicamente e perpetua a ideia de que existe prazer a ser descoberto no reconhecimento e na apreciação da diferença racial” (hooks, 2019, p. 65). Emerich Daroya argumenta que é exatamente na diferença racial

²¹ “Gay men of color, working against the stereotype, have engaged in long, difficult struggles to gain some public recognition of their cultural heritages, political activism, and everyday existence.”

²² “refers to the process of embracing agendas that aims for acceptance within existing economic and political systems that are currently in place, abandoning commitments to economic redistribution and greater sexual freedom. Homonormativity embraces normative ideas about family, marriage, etc.,

– mercantilizada na pornografia – que o homem asiático torna-se desejável visto que, por conta de noções orientalistas, é retratado como o Outro, ou seja, diferente dos homens brancos. É a partir disso, para o autor, que tais corpos “tornam-se desejáveis para homens brancos em razão da (...) sua ‘Outridade’”²³ (Daroya, 2011, p. 89). Para bell hooks, a ideia de entrar em contato com este Outro remete à noção de que tanto a cultura quanto os indivíduos são um “*playground* alternativo” onde as classes dominantes poderiam afirmar suas relações de poder “em relações íntimas com o Outro”, em outras palavras, os corpos não-brancos seriam vistos como “algo existente para servir às finalidades do homem branco” (hooks, 2019, p. 68-69).

Tais diferenças raciais, tão atrativas para o olhar branco, traduzem-se nos estereótipos, que reduzem as pessoas “a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (Hall, 2016, p. 190). Stuart Hall (2016, p. 191-192) elenca três pontos fundamentais para se entender o ato de estereotipagem: ele essencializa e fixa a diferença, cria um lugar de normalidade, expelindo dele qualquer coisa considerada o “Outro”, e, por fim, tende a se dar onde há desigualdades de poder. Tal dinâmica de exclusão da normalidade configura-se, na leitura de Hall, como algo pertinente à luta pela hegemonia, dentro do pensamento gramsciano.

O estabelecimento da normalidade (ou seja, o que é aceito como “normal”) através de tipos sociais e estereótipos é um aspecto do hábito de grupos de decisão (...) que tentam moldar toda a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistema de valores, sensibilidades e ideologia. Essa concepção de mundo está tão clara para esses grupos, que fazem com que ela pareça (como realmente parece para eles) “natural” e “inevitável” para todos e, na medida em que têm sucesso nessa empreitada, eles estabelecem sua hegemonia (Dyer, 1977, p. 30 apud Hall, 2016, p. 193)

Neste âmbito, Stuart Hall estabelece que existe “uma conexão entre representação, diferença e poder” (Hall, 2016, p. 193). Por mais que, muitas vezes, acreditemos que o poder e a violência se dão em termos físicos, eles também podem se dar em outras esferas, como o poder de representar o Outro. O ato de estereotipagem, neste caso, configura-se enquanto uma violência simbólica. Hall, então, recupera o debate sobre o Orientalismo trazido por Edward S. Said, partindo de que a Europa construiu um estereótipo do chamado “Oriente” a partir de seus discursos, traçando um

marginalizing LGBTQ individuals who are 'non-normative'(...).”

²³ “become desirable to white men because of their (...) “Otherness”

paralelo com Michel Foucault sobre poder/conhecimento no qual “o discurso produz através de diferentes práticas de *representação* (bolsas de estudos, exposições literatura, pintura etc.) uma forma de conhecimento *racializado do Outro* (orientalismo) profundamente envolvida nas operações de *poder* (imperialismo)” (Hall, 2016, p. 195). Continuando sua análise, recupera novamente Gramsci vinculando-o a Foucault no que diz respeito ao conceito de poder.

No entanto, há também algumas semelhanças importantes. Para Gramsci e para Foucault, o poder também envolve o conhecimento, a representação, as ideias, a liderança e autoridade cultural, bem como a restrição econômica e coerção física. Ambos teriam concordado que o poder não pode ser capturado ao pensarmos exclusivamente em termos de força ou coerção: o poder também seduz, solicita, induz, ganha o consentimento. (Hall, 2019, p. 196)

A pornografia mainstream, inserida na cultura de massa, cumpre também seu papel de manter uma hegemonia branca ocidental, seja pela intensa representação de corpos brancos enquanto neutros ou pela mercantilização da diferença racial, pautada nos estereótipos – e o pornô gay mainstream não está fora desta dinâmica. Richard Fung, em seu texto *Looking for My Penis: The Eroticized Asian in Gay Video Porn*, analisa três filmes pornôs gays de 1985 com protagonistas amarelos – *Bellow the Belt*, *Asian Knights e International Skin* – e, em cada um, percebe elementos do Orientalismo e uma representação embasada em senso comuns racistas. O primeiro sequer cita o nome do ator asiático em seus créditos iniciais, fazendo com que possamos supor que seu público-alvo não está interessado eroticamente em homens asiáticos, tendo em vista que a maioria dos “vídeos gays pornôs usam exclusivamente atores brancos”²⁴ (Fung, 1991, p. 150). O vídeo é, em sua maior parte, protagonizado por dois personagens brancos – Greg e Robbie –, mas, na sequência de um sonho, ambientada em um dojo de karatê, Robbie transforma-se em um homem asiático que, por sua vez, é penetrado por Greg, em uma cena que constrói o “coito anal para o Robbie Asiático como um ato de submissão, não de prazer: diferente das outras cenas de coito anal no vídeo”²⁵ (Fung, 1991, p. 152). Na leitura de Fung, *Bellow the Belt* é sobre poder:

O hierárquico cenário do dojo é ordenado pela sua evocação de dominância e submissão. (...) Sexo, especialmente sexo anal, como punição

²⁴ “gay video porn exclusively uses white actors”

²⁵ “anal intercourse for the Asian Robbie as an act of submission, not of pleasure: unlike other scenes of anal intercourse in the tape”

é uma imagem recorrente. (...) O que é significativo, entretanto, é como figuras raciais entram na equação. Em um vídeo que apropria emblemas de poder asiático (karatê), o único lugar para um ator asiático real é a caricatura da passividade. Sum Yung Mahn não retrata um asiático, mas a literalização de uma metáfora, então sendo passivo, Robbie realmente torna-se “oriental”. Em um nível mais prático, o dispositivo do sonho também permite os produtores a introduzir um elemento do misterioso, do exótico, sem romper com status quo racial do resto do vídeo. Mesmo na sequência do sonho, Sum Yung Mahn está no centro do frame como espetáculo, tendo o mínimo de envolvimento físico com os homens à sua volta. Embora a sequência termine com um clímax, ele existe apenas para o prazer dos outros.²⁶ (Fung, 1991, p. 152-153)

Em *Asian Knights*, um casal de homens asiáticos vai a um psiquiatra branco em razão de não conseguirem transar. Na sala do psiquiatra, os dois personagens asiáticos tiram a roupa e começam a fazer sexo. O que poderia ser uma cena homoafetiva entre asiáticos, contudo, torna-se um objeto do olhar branco a partir de um plano ponto de vista, e, em seguida, o psiquiatra participa do sexo, tornando-se, segundo o autor, o centro do filme. Para Richard Fung, o público-alvo de *Asian Knights* seria os homens brancos. Entretanto, o autor também coloca que, diferente de *Bellow The Belt*, os asiáticos, neste vídeo, possuem mais agência e desejo. Mesmo assim, até na cena em que o ator asiático penetra o homem branco, há um foco muito maior no prazer dele do que do asiático. Em outra sequência, o homem asiático faz o papel da gueixa ou da “boa esposa”, este papel de “house boy” que, segundo Fung, é uma fantasia branca em relação a homens asiáticos (Fung, 1991, p. 156). Emerich Daroya argumenta que, além da construção de uma asiaticidade no Orientalismo ser pautada em gênero, ela também é pautada em classe e idade, visto que homens asiáticos são retratados na pornografia gay como jovens, o que significa um menor empoderamento econômico, sendo colocados como “house boys” ou em papéis que preenchem o lugar da mulher no pornô (Daroya, 2011, p. 24).

No caso de *International Skin*, as relações raciais tornam-se ainda mais

²⁶ “The hierarchical dojo setting is milked for its evocation of dominance and submission. (...) Sex, especially anal sex, as punishment is a recurrent image. (...) What is significant, however, is how race figures into the equation. In a tape that appropriates emblems of Asian power (karate), the only place for a real Asian actor is as a caricature of passivity. Sum Yung Mahn does not portray an Asian, but rather the literalization of a metaphor, so that by being passive, Robbie actually becomes "Oriental." At a more practical level, the device of the dream also allows the producers to introduce an element of the mysterious, the exotic, without disrupting the racial status quo of the rest of the tape. Even in the dream sequence, Sum Yung Mahn is at the center of the frame as spectacle, having minimal physical involvement with the men around him. Although the sequence ends with his climax, he exists for the pleasure of others.”

complexas por, além de ter um ator asiático, haver um ator negro e um latino, além de diversos atores brancos. Os atores racializados, é claro, são penetrados pelos homens brancos sem que haja reciprocidade. No vídeo, o ator asiático interpreta Brad e o filme é, supostamente, seu ponto de vista. Entretanto, “o vídeo não é voltado para homens pretos, asiáticos ou latinos”²⁷, visto que eles não interagem entre si sexualmente, apenas relacionam-se com os homens brancos, perpetuando um sistema de “branco-centricidade” (Fung, 1991, p. 157).

Richard Fung continua sua análise, assim como Daroya, tecendo críticas à comunidade gay e suas relações raciais de poder:

O “ghetto”, o movimento mainstream gay, pode ser um lugar de liberdade e identidade sexual. Mas é também um local de alienação racial, cultural e sexual, às vezes mais pronunciada que na sociedade heterossexual. Para mim, sexo é uma fonte de prazer, mas também um lugar de humilhação e dor. Liberado das restrições sociais contra a expressão evidente do racismo em público, a intimidade do sexo pode prover ao meu parceiro (não-asiático) uma abertura para me fazer saber do meu lugar (...).²⁸ (Fung, 1991, p. 159)

Analisando também a representação asiática na pornografia gay ocidental mainstream, a partir do texto Fung, Daniel C. Tsang argumenta que o gênero pornográfico sofreu transformações desde a publicação de *Looking For My Penis*. Na sua percepção, a sexualidade branca não mais representa o paradigma dominante destas representações, agora a imagem predominante é a sexualidade entre asiáticos. A grande questão que emerge, dentro de sua análise, é o porquê. Tsang dispõem-se de duas leituras desse fenômeno: a emergência de grupos que dão suporte à comunidade queer asiática norte-americana que, conseqüentemente, ajudou a trazer um outro tipo de representação para a pornografia gay comercial ou o fato de muitos produtores de filmes pornôs terem percebido que existe um também nicho mercadológico para a representação de corpos não-brancos. Levando em conta que existe uma segregação entre os filmes protagonizados por homens gays brancos e os que não o são, podemos argumentar que essa segregação parte de uma ideia de que aqueles procuram por brancos não devem encontrar nada diferente, e, em contrapartida, quem possui o gosto

²⁷ “the tape is not targeted to black, Asian, or Latino men”

²⁸ “The “ghetto,” the mainstream gay movement, can be a place of freedom and sexual identity. But it is also a site of racial, cultural, and sexual alienation sometimes more pronounced than that in straight society. For me sex is a source of pleasure, but also a site of humiliation and pain. Released from the social constraints against expressing overt racism in public, the intimacy of sex can provide my (non-Asian) partner an opening for letting me know my place (...).”

por pessoas não-brancas podem facilmente encontrar esses vídeos (Tsang, 1999, p. 474). Os novos vídeos pornô, ainda que pautados em relações intrarraciais entre asiáticos, permanecem tendo como ponto de partida o Orientalismo, como em *Shopping For Fangs*, de Quentin Lee, ambientado em China Town, em que “o vídeo inicia-se como se fosse um filme de viagem, mas esse é um lugar onde as “fantasias asiáticas” são realizadas, e onde “homens orientais gostosos sabem como fazer sexo””²⁹ (Tsang, 1999, p. 475). Para além disso, outros filmes pornô gays com protagonismo asiático da época tendiam a ser feitos em quartos de hotéis sem explicitar o país onde foram filmados, o que sugere que “os atores nesses vídeos são provavelmente mal-pagos em relação ao que ganhariam se o vídeo fosse feito nos EUA” (idem). Tsang, entretanto, conclui seu texto com uma perspectiva boa em torno do futuro da representação asiática nos vídeos pornô gays. Partindo das produções pornográficas independentes feitas por asiáticos não-continentais:

O futuro do gênero, como uma forma de arte se nada mais, pertence aos cineastas independentes. A cena do pornô comercial permanece, enfim, entediante e insatisfatória, bastante diferente do surto de filmes queer da Ásia que cativaram o circuito de festivais (...). Diferentemente do cineasta comercial cujo principal objetivo é penetrar no mercado (na falta de uma palavra melhor), cineastas independentes parecem filmar porque se divertem e tem algo a dizer. E seus vídeos mostram isso.³⁰ (Tsang, 1999, p. 476)

Vale, entretanto, termos um olhar mais crítico em relação à produção pornográfica independente com protagonismo asiático, sobretudo, no aspecto do consumo. Richard Fung, afirma que “o pornô gay mainstream é mais acessível para a maioria dos homens gays asiáticos que qualquer trabalho independente que eu ou você possamos produzir”³¹ (1991, p. 168). Sendo assim, dificilmente este tipo de representação asiática mais independente e humanizada conseguirá competir com as representações vendidas pela pornografia gay mainstream, configurando-se como um movimento que, por mais necessário que seja, não produzirá mudanças em grande escala no que diz respeito à mudança dos sentidos comuns em torno do corpo e da

²⁹ ““hot Oriental guys know how to have sex””

³⁰ “The future of this genre, as an art form if nothing else, belongs to the independent filmmaker. The commercial porn scene remains, ultimately, boring and unsatisfying, quite unlike the spurt in queer films from Asia that have captivated the festival circuit (...). Unlike the commercial filmmaker whose main goal is market penetration (for want of a better word), independent filmmakers seem to film because they have fun and have something to say. And their videos show it.”

³¹ “mainstream gay porn is more available to most gay Asian men than any independent work you or I might produce.”

sexualidade do homem amarelo. É-nos também interessante pensar, dentro da lógica da espetatorialidade, a questão da fetichização, do desejo pela diferença, partindo dos espectadores não-asiáticos que podem vir a consumir essa pornografia, seja independente ou mainstream. O fetichismo, do ponto de vista de Stuart Hall, é uma prática representacional que consiste na “substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa - um objeto, um órgão, uma parte do corpo” (Hall, 2016, p. 205).

O fetichismo nos leva para o reino onde a fantasia intervém na representação; para o nível no qual aquilo que é mostrado ou visto na representação só pode ser entendido em relação ao que não pode ser visto, ao que não pode ser mostrado. O fetichismo envolve substituir por um “objeto” uma força perigosa, mas proibida. (Hall, 2016, p. 206)

Retomemos a bell hooks e sua análise em torno do consumo da Outridade. Aventurar-se no contato com o Outro é perigoso e representa uma fronteira que pode ou não ser ultrapassada, afinal trata-se, simbolicamente, de um contato com o dito “primitivo”. Entrar sexualmente em contato com o Outro é um ato transgressor porque supostamente testa os limites da supremacia branca. É, portanto, algo proibido, que habita o mundo da fantasia e, muitas vezes, torna-se um fetiche racial que, segundo Daroya (2011, p. 5), refere-se a uma “forma de desejo sexual no qual o prazer é baseado na objetificação da ‘raça’”³². No entanto, dentro da crise identitária branca ocidental na pós-modernidade, discute-se e afirma-se abertamente a “preferência” – ou o fetiche – sexual por pessoas não-brancas. Para hooks (2019, p. 70), “discutir abertamente seu desejo por moças (ou rapazes) não brancos é anunciar em público seu rompimento com um passado supremacista branco que teria articulado tais desejos apenas como tabu, segredo e vergonha”. Nesta dinâmica, a pessoa não-branca permanece como objeto e não como sujeito, tendo em vista que a relação interracial entre o branco e o não-branco tem como objetivo a transgressão, uma transformação a partir do contato (sexual) com a diferença.

Diferente dos homens brancos racistas que historicamente violaram os corpos de mulheres negras e não brancas para marcar sua posição como colonizadores/conquistadores, esses jovens se veem como não racistas, já que escolhem ultrapassar as fronteiras raciais dentro dos domínios do sexo não para dominar o Outro, mas para que possam ser afetados, transformados internamente. Sem estarem atentos a determinados aspectos de suas fantasias sexuais que irrevogavelmente os unem à dominação racista coletiva, acreditam que seu desejo por contato representa uma mudança progressista nas atitudes dos brancos em relação às pessoas não

³² “Form of sexual desire in which gratification is based on the objectification of ‘race’.”

brancas. Eles não veem que estão perpetuando o racismo. Para eles, o indicador mais forte dessa mudança é a franca expressão do anseio, a declaração aberta do desejo, a necessidade de ser íntimo com Outros de pele escura. O importante é ser transformado por essa convergência de prazer e Outridade. O sujeito ousa – age – na presunção de que a exploração do mundo da diferença, no corpo do Outro, fornecerá um prazer maior, mais intenso, do que qualquer prazer que exista no mundo ordinário de seu grupo racial familiar. E mesmo que a convicção seja de que o mundo familiar permanecerá intacto ainda que o indivíduo se aventure fora dele, a esperança é de que não serão mais os mesmos ao regressar a esse mundo. (hooks, 2019, p. 70-71)

Retornando à questão do consumo de pornografia com protagonismo asiático, seja ela mainstream ou independente, não podemos prever quem irá consumi-las e com qual propósito. Vimos que o corpo não-branco é fetichizado em razão das fantasias racistas de pessoas brancas – seja no intuito de dominar quanto no intento de ser “transformado” pelo contato com o Outro. Tais fantasias e desejos, muitas vezes, são preenchidos pelas imagens pornográficas de relacionamentos interraciais entre brancos e não-brancos, ou até mesmo de relações intrarraciais – onde a Outridade continua sendo o objeto de desejo. Entendemos que o homem amarelo é desejado a partir das diferenças raciais e, na pornografia gay mainstream, é quase sempre retratado em um lugar de submissão e objetificação – o que nos leva a crer que o público-alvo são homens gays não-asiáticos. Daroya vai nos lembrar que “homens são socializados a exercerem dominação sobre aqueles que são considerados sem poder em prol de demonstrar sua masculinidade”³³ (Daroya, 2011, p. 106) e, tendo em vista os processos de emasculação do homem amarelo, tais representações na pornografia vêm do anseio da dominância do homem branco em relação ao homem amarelo. Entretanto, esse lado da representação leva em conta apenas o aspecto da dominação e não da “transformação” através do Outro, apontada por bell hooks. Dentro desta outra perspectiva, o olhar gay branco sobre homens amarelos tenderia, supostamente, a desconsiderar as relações de poder para manter uma aparência não-racista. A forma como o Outro é representado, conseqüentemente, estaria em segundo plano – neste caso, o que importa é apenas consumi-lo.

Levanto, portanto, a questão: até que ponto a pornografia gay independente, feita por cineastas amarelos não-continentais, ainda que tragam consigo uma maior

³³ “men are socialized to exercise domination over those who are deemed powerless in order to demonstrate one's masculinity”

humanização do corpo dos homens amarelos, também não servem para o olhar fetichizador do homem gay branco? Mesmo com uma abordagem diferente da sexualidade do gay asiático, não seria possível uma ressignificação das imagens a partir de uma perspectiva racista e Orientalista pela branquitude?

Como vimos no decorrer deste capítulo, a representação do homem amarelo na pornografia gay ocidental parte dos processos de racialização sofridos historicamente. Somado a isso, a crise identitária branca ocidental na pós-modernidade voltou seus olhares à Outridade, reduzido corpos não-brancos a estereótipos e desenvolvendo fetiches raciais que envolvem fantasias racistas e atuam dentro das dinâmicas de desejo e deseabilidade, inclusive da comunidade gay. Partindo do texto de Richard Fung e Daniel C. Tsang, podemos crer que a pornografia gay ocidental com protagonismo asiático encontra problemáticas no âmbito da representação e da espectralidade que, supostamente, poderiam ser reformuladas a partir da produção de uma pornografia independente.

III – ANÁLISES: COREOGRAFIA SEXUAL, HASHTAGS E COMENTÁRIOS EM VÍDEOS PORNÔS COM REPRESENTAÇÃO AMARELA

Neste capítulo, analisaremos quatro vídeos pornográficos gays com protagonismo de homens amarelos, sendo dois de relações interracialis e dois de relações intrarraciais, no intento de entender suas semelhanças e diferenças a partir das coreografias sexuais, das categorizações de hashtags e dos comentários. Focaremos, sobretudo, em entender, dentro destes elementos mencionados, como os processos de racialização do homem amarelo estão presentes tanto no vídeo quanto na lógica de espectadorialidade, tentando também responder aos questionamentos apresentados no final do segundo capítulo. Contudo, será necessário também trabalhar com a performance, a coreografia sexual, no intento de compreender de que forma ela reitera ou não certos estereótipos dentro da prática representacional. Os vídeos foram escolhidos de forma aleatória no site PornHub a partir da pesquisa “Asian and White” e “Peter Fever”³⁴.

O primeiro vídeo a ser analisado intitula-se AMATEUR ORGY – ASIAN BOTTOMS AND WHITE TOPS³⁵ e é de categoria amadora, ou seja, feita de forma “caseira”, de duração de 4 minutos e 28 segundos, no qual dois homens asiáticos *twinks*³⁶ são penetrados por homens brancos, em um cenário não identificado, mas que se parece um quarto de hotel. No vídeo, a coreografia sexual configura-se praticamente apenas na agência dos atores brancos, que penetram os atores asiáticos que, por sua vez, movimentam-se muito pouco, recebendo tudo de forma, literalmente, passiva. Os enquadramentos dão maior ênfase na penetração, tendo diversos planos focados no coito anal.

³⁴ Produtora de filmes pornôis gays com ênfase no homem amarelo

³⁵ Disponível em: https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph5a4a66f9f33b9. Acesso em: 20/06/2019.

³⁶ Termo utilizado para se referir a homens de aparência jovial, magra e sem pelos corporais.

As hashtags que categorizam o vídeo amador são: *asian bottom*, *white top*, *asian and white sex*, *group sex*, *orgy*, *teen*, *anal*, *doggy style*, *bubble butt*, *asian*, *top*, *bottom*, *interracial*, *tattooed*, *party* e *college*. Além disso, possui 903.898 visualizações e 80 comentários. O vídeo, devido ao seu título e às suas categorizações, encontram um público específico: espectadores que buscam ver sexo interracial entre asiáticos e brancos e onde a posição que cada um ocupa está bem demarcada racialmente. A partir dos comentários, podemos assumir o mesmo. O usuário *dougw3412*, por exemplo, tece dois comentários sobre o vídeo que indicam uma fetichização embasada em estereótipos sobre o corpo de homens asiáticos gays. No primeiro, ele escreve: “MENINOS ASIÁTICOS SÃO TÃO FODÍVEIS DROGA SEUS CORPOS APERTADOS E A LINDA PELE”³⁷, presumindo uma homogeneidade estética de homens asiáticos, reduzindo-os, conseqüentemente, à sua raça. No segundo comentário, afirma: “MENINOS ASIÁTICOS FORAM CRIADOS PARA SEREM FODIDOS”³⁸, partindo do pressuposto que todos os homens asiáticos deveriam assumir o lugar do passivo em relações sexuais porque é de sua natureza fixa. Outro usuário, *colewinters*, assume que asiáticos gostam de ser passivos, ao dizer: “estes garotos asiáticos amam isso quero socar neles eles amam tomar isso meninos putinhos”. Em outro comentário, de *foxthorne*, a ideia é a mesma: “Asiáticos apenas amam ser passivos para brancos”.

Outros comentários, no entanto, também merecem nossa atenção, tendo em vista que se associam a uma ideologia de supremacia branca, onde o corpo asiático só serve para ser dominado pelo homem branco. O usuário *abc_wmaf* argumenta: “Asiáticos são apenas putas de homens brancos, não importa se é homem asiático ou mulher asiática”³⁹. Na mesma lógica, *SenshulDom* comenta: “Este é o jeito que deve ser. Asiáticos inferiores tomando um pinto superior branco. Uma pena que o ativo branco não usou ele do jeito que asiáticos deveriam ser usados, foi apenas muito leve na lisa puta feminina”⁴⁰.

Há, entretanto, um último comentário, de *throwingsand*, que vale a pena recuperar por ir de encontro aos outros até então analisados. Nele, o usuário diz:

³⁷ “ASIAN BOYS ARE SO FUCKABLE DAMN THEIR TIGHT BODIES AND BEAUTIFUL SKIN”

³⁸ “ASIAN BOYS WERE BRED TO BE FUCKED”

³⁹ “Asians are just sluts for White men, no matter Asian guy or Asian girl.”

⁴⁰ “That's the way it should be. Inferior Asian taking a superior white dick. Too bad the white top didn't

“Pessoalmente eu não acho que tenha a ver com qual cor da sua pele é,, você ou gosta de quem você está com ou você não gosta...Claro e simples. Existem brancos ativos, pretos ativos, asiáticos ativos, assim como eles todos podem ser passivos. Parem de julgar baseado em cor de pele ou raça!”⁴¹. Existem também outros diversos comentários que não partem da racialização do homem amarelo, focando-se apenas no conteúdo do vídeo tecendo críticas positivas ou negativas a ele.



O segundo vídeo a ser analisado, também de categoria amadora, de duração de 8 minutos e 38 segundos, tem como título ASIAN TWINK SO HOT FOR DADDY COCK⁴², e é um filme feito a partir de planos pontos de vista. As hashtags que categorizam o vídeo são: *asian, twink, older and young, daddy, ass to mouth, shaved balls, bb, bareback, pov, big cock, ass fuck, anal, moaning* e *gay*. O vídeo possui 949.870 visualizações e 58 comentários. Diferente de AMATEUR ORGY – ASIAN BOTTOMS AND WHITE TOPS, este vídeo parece conceber ao ator asiático uma maior ênfase em seu prazer a partir da coreografia sexual, onde, apesar de estar sendo colocado sob a perspectiva de um olhar branco – devido ao fato de ter sido filmado todo em plano ponto de vista –, ele parece estar, ao menos, gostando do sexo,

use him the way asians should be, was just too soft on the smooth feminine slut.”

⁴¹ Personally I don't think it has anything to do with what color your skin is,, you either like the one you are with or you don't...Plain and simple. There are white tops, black tops, asian tops, as well as they can all be bottoms. Stop judging based on skin color or race!

⁴² Disponível em: https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph57a50970dd400. Acesso em: 20/06/2019.

principalmente devido aos seus gemidos de prazer. Apesar disso, existe uma relação desigual de idade, exposta no título e em um plano em que aparece o rosto do ator branco no espelho, que, como vimos no capítulo anterior, demonstra certa fantasia de homens brancos mais velhos pelo jovem asiático “house boy”.

Nos comentários, é-nos interessante perceber a presença de dois mesmos usuários do vídeo anteriormente analisado: *SenshulDom* e *abc_wmaf*. Ambos tecem, novamente, comentários de viés racista. O usuário *abc_wmaf* escreve: “Garotos asiáticos não são homens de verdade, mas mulheres com clitóris masculinos”⁴³, partindo do imaginário do homem asiático enquanto emasculado, menos homem, desprovido de quaisquer resquícios de masculinidade. *SenshulDom*, por sua vez, comenta: “Gemido e voz de menininha, tomando o pinto do papai sem camisinha, e sendo uma boa vadia gaysian definitivamente faz disso uma boa obra! Desejo poder possuir algo assim”⁴⁴ e “Essa é uma puta asiática que tem sido bem treinada por anos. Ela sabe seu lugar de servir o mestre branco, dando a ele sua boceta do jeito que ele desejar”⁴⁵. Novamente, podemos perceber o teor racial e orientalista que permeia seus comentários, a ideia de que o corpo asiático serve apenas para servir à dominação branca e, assim como *abc_wmaf*, é colocada a racialização do homem asiático associada à noção de gênero, onde *SenshulDom* faz questão de chamar o ator asiático no feminino. Podemos destacar esses usos a partir da noção do feminino como algo depreciativo, dentro de uma lógica patriarcal heteronormativa.

⁴³ “Asian boys are not real men, but women with male clits”

⁴⁴ “Girlish moaning and voice, taking that daddy dick bare, and being a good gaysian slut definitely makes this a fine piece! Wish I could own something like that.”

⁴⁵ “This is an Asian slut that has been trained well for years. She knows it's her place to serve her white master, giving him her pussy however he desires.”



Outros comentários também podem ser associados à questão da fetichização levantada no vídeo anterior, mas com um racismo mais velado. Como exemplo, o usuário *gaycpl999666* diz: “Eu realmente amo asiáticos twink qualquer asiático twink que amar papais mais velhos me envie uma mensagem (...)”⁴⁶. A usuária *kpopstangirl* que, pelo seu nickname, indica ser fã de música pop sul-coreana evidencia em seu comentário seu fetiche por garotos asiáticos: “Put a merda esse garoto asiático gostoso...Eu adoraria foder ele na minha cama”⁴⁷. E, assim como no vídeo anterior, também há comentários que focam apenas em tecer críticas sejam negativas ou positivas ao vídeo.

Os dois próximos vídeos a serem analisados são produzidos pela produtora Peter Fever Productions, criado pelo asiático-estadunidense conhecido como Peter Le. Em seu site, ele descreve que começou a produtora em 2009 “como um meio de introduzir asiático-americanos sexys, musculosos e masculinos para o mundo”⁴⁸. Os vídeos foram encontrados no site Pornhub e, tanto as hashtags quanto os comentários também. Além disso, vale ressaltar que o número de visualizações e comentários são menores que os vídeos pornôs amadores interracialis analisados anteriormente.

O primeiro vídeo, intitulado KEN OTT AND ALEX CHU⁴⁹, é de produção profissional de duração de 21 minutos e 48 segundos, e é categorizado com as

⁴⁶ “I really love Asian twink any asian twink who love older daddies txt me”

⁴⁷ Holy shit that's one hot asian boy...I'd love to fuck him right into the bed...

⁴⁸ Disponível em: <https://www.peterfever.com/>. Acesso em: 20/06/2019.

⁴⁹ Disponível em: https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph5b2693f8a7b34. Acesso em:

hashtags *gay, asian, hot, cute, fuck, reality, hunk, 69, blowjob, muscle butt, drilled, gay sex, ass fuck, hard anal sex* e *analyzed*. O vídeo possui 620.832 visualizações e 18 comentários. O vídeo, diferente dos outros dois analisados, tem uma ênfase maior numa troca mútua de prazer entre os dois atores, onde, na coreografia sexual, eles trocam mais carícias e há mais afetividade, além de terminar com os dois chegando ao gozo. Em outras palavras, não é uma relação sexual unilateral.

Há, dentre os comentários, um específico do usuário *Taylor_bigballs*, que diz: “Os dois precisam de um grande pinto branco”⁵⁰. Novamente, ainda em um vídeo pornô com ênfase no prazer e na agência de homens asiáticos gays, há um público de homens gays brancos que explicitam seu racismo com a ideia de que o lugar de asiáticos é a submissão a homens brancos. A ênfase de outros comentários resume-se ao ator Ken Ott, o que assume a posição de passivo, deixando de lado o outro ator, dando a entender que o que interessa para os espectadores é o asiático na posição de passivo. Comentários como “Amo seus gemidos... Eu foderia Ken o dia todo..”⁵¹, de *andre29126*, “Ken Ott é um ótimo passivo!!”⁵², de *TristanGayboy-DK*, e “Ken Ott é uma delícia em todas as partes”⁵³, de *Puy1256*, revelam que a verdadeira atração é o passivo Ken Ott. Outro elemento que pode ser percebido é o fato de alguns comentários levarem à ideia de que ambos serviriam para ser penetrados. O usuário *bangabottom* coloca “Alex Chu é fofo, eu foderia sua bunda mas Ken Ott é muito mais gostoso. Ele deveria ter um cara musculoso mais bonito metendo na sua bunda”⁵⁴ e *benjithetraggot* diz: “eu quero foder os dois droga”⁵⁵. Estes comentários podem vir do lugar da fantasia em torno de possuir um homem asiático passivo, retomando questões dos estereótipos orientalistas trabalhados no primeiro capítulo.

20/06/2019.

⁵⁰ “They both need a big white cock.”

⁵¹ “Love their moans... I'd fuck Ken all day..”

⁵² “Kenn Ott is a very good bottom!!”

⁵³ “Ken Ott is a delice in every part”

⁵⁴ “Alex Chu is cute, I'd fuck his ass but Ken Ott is much hotter. He should have a better looking muscled guy pounding his ass.”

⁵⁵ “i wanna fuck both of them damn”



O último vídeo intitula-se FUCKING A CHINESE HANDSOME GUY⁵⁶, também profissional e possui 868.920 visualizações e 19 comentários. Assim como KEN OTT AND ALEX CHU e diferente dos vídeos interracialis, é um pornô com mais agência e afeto, contendo mais cenas de beijos e onde os dois atores amarelos esforçam-se pelo prazer um do outro – uma representação mais humanizada e que os coloca, de fato, como protagonistas do filme. Os enquadramentos não se focam apenas na penetração, dando mais ênfase em uma coreografia sexual múltipla e voltada para as relações de toque e prazer entre os personagens que, constantemente, trocam carícias.

⁵⁶ Disponível em: https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph5954999ced84e. Acesso em: 20/06/2019



As hashtags do vídeo são: *asian, chinese, muscle, fucking, hardcore, gay, brunette, guy on guy, sucking cock, rimming, eating ass, bubble butt, gay men, young, twink e jocks*. Os comentários deste vídeo, diferente dos outros, tem bem menos foco na racialização, sendo mais voltados a tecer críticas à fraca atuação dos atores. Os usuários *viceexplorer* e *barrychan* comentam, respectivamente: “Até mesmo para pornô, a atuação é horrível, lol. Mas as cenas são gostosas”⁵⁷ e “omg,eu falo inglês tão bem quanto eles”⁵⁸. Outro usuário, *lovingone_99*, reclama da falta de planos que mostram a bunda do ator que está no papel de passivo: “Eu queria ver a bunda do passivo um pouco mais. Apenas vi ângulos laterais basicamente. Eu queria ver tudo daquela merda apertada!”⁵⁹. Vale, entretanto, ressaltar um comentário que se volta para a racialização de homens amarelos, voltados à emasculação e à depreciação de tais corpos, escrito novamente por *Taylor_bigballs*: “asiáticos viados fodendo um ao outro é como duas sapatões finalmente tomaram a menor piroca. nojento”⁶⁰. Outro comentário, de *Carioca_Charmoso*, apenas coloca: “Asiáticos passivos”⁶¹.

De acordo com as análises fílmicas, o uso das hashtags e os comentários, é-nos importante explicitar algumas das semelhanças e das diferenças que tais vídeos

⁵⁷ “Even for porn, this acting is terrible, lol. But the scenes are hot”

⁵⁸ “omg,i speak English as well as them”

⁵⁹ “I wanted to see the bottoms ass a little more. Just seen side angles basically. I wanted see all of that thick shit!”

⁶⁰ “asian fags fucking each other is like two dykes finally got a smallest cock. Gross”

⁶¹ “Asiatics bottoms”

apresentam. Como vimos no primeiro capítulo, o processo de racialização de homens asiáticos pauta-se em sua emasculação, ou seja, na ideia de que ele é menos homem ou, às vezes, que sequer é um homem. Os comentários que partem da racialização do homem asiático de forma racista ou fetichista demarcam racialmente o lugar destes corpos enquanto femininos e passivos, podendo ser identificado quando são chamados no feminino, de modo depreciativo, partindo de uma lógica patriarcal branca e heteronormativa, mesmo que tenham sido feitos por pessoas que consomem pornografia gay. Tais comentários mostram-se mais presentes nos vídeos pornográficos interracializados, onde existe, na dinâmica da coreografia sexual, uma maior ênfase no olhar e no prazer branco.

O fetichismo, trabalhado no segundo capítulo, também está presente nas dinâmicas de comentários de pessoas que evidenciam sua “preferência” sexual por homens asiáticos. O corpo asiático é homogeneizado e reduzido à raça, partindo de uma ideia de que todos são iguais e que servem apenas para preencher fantasias sexuais, na maioria das vezes tendo como ponto de partida o corpo asiático jovem, infantilizado, presente na categoria *twink* e em um imaginário colonialista do asiático “house boy” que ocupa o lugar da mulher na dinâmica sexual, tendo em vista que a ênfase dos comentários sempre dá uma maior visibilidade ao ator passivo, ainda que em relação intrarracial.

Outro ponto fundamental é entender a importância das hashtags na pesquisa e no consumo desse tipo de pornografia. É possível perceber a recorrência de alguns usuários nos vídeos pornôns, indicando que há um público-alvo específico que o consome, seja por questões de fetiche ou para depreciar corpos asiáticos. A hashtag *asian* está presente em todos os vídeos e é ela que guia os espectadores a consumirem outros similares, seja intra ou interracial. A partir desta hashtag como categoria racializadora, é possível perceber também uma dinâmica orientalista que homogeneiza corpos asiáticos, sem distinção de etnia. Ela, portanto, não possui caráter político de evidenciar um prazer de corpos não-brancos na pornografia, mas sim como um, dentre vários elementos, servidos no cardápio das hashtags.

Por fim, dentro da perspectiva que proponho ao final do segundo capítulo, é possível perceber que as produções gays com protagonismo de e produzidas por pessoas asiáticas onde há uma maior humanização e agência de tais corpos não possui

totalmente um carácter contra-hegemônico. Além de não ter sequer tanta visibilidade quanto produções caseiras interracialis, o público que a consome continua tendo um olhar orientalista, fetichista e/ou racista sobre os corpos amarelos que ocupam tais filmes pornográficos. Apesar disso, é possível ver alguns avanços em relação ao consumo, tendo em vista que, em sua maioria, eles não atraem tanto quanto os vídeos interracialis os espectadores com um olhar que beira, explicitamente, à ideologia da supremacia branca.

CONCLUSÃO

Os processos de racialização do homem amarelo, arquitetados e postos em prática pela branquitude a partir de diversas políticas que vimos no primeiro capítulo, estão presentes no imaginário da pornografia gay ocidental, tanto nas práticas representacionais quanto no olhar do espectador que a consome. A partir das análises tanto destes processos quanto do desejo pelo *Outro*, podemos assumir que as dinâmicas raciais são complexas, ainda mais quando interseccionadas com orientação

sexual e gênero. Os comentários analisados podem nos levar a crer que existe um público específico que consome esta representação – independente de que forma que elas sejam colocadas – com um olhar ainda muito configurado por sentidos comuns, concepções de mundo, embasados em estereótipos raciais que se estabelecem como uma violência simbólica. Ademais, muitos vídeos pornôis gays com representação de homens amarelos corroboram com estas práticas representacionais racistas, que demarcam o lugar destes corpos como emasculados, submissos e passivos, sendo dominados pelo homem branco.

As tentativas de produzir um movimento contra-hegemônico que produzisse uma representação mais humanizada do homem amarelo por meio de produções independentes feitas por asiáticos não-continentais não pareceram ser o suficiente para desconstruir esse imaginário sobre os homens amarelos, tendo em vista que não é possível controlar o olhar, contaminado ainda por estereótipos raciais, do espectador. Entretanto, também é notório que os comentários dessas produções independentes possuem um teor racista muito menor do que os outros. Seria, portanto, injusto assumir que essas produções falharam completamente, tendo em vista que traz outra perspectiva e novas possibilidades em torno da construção de uma ideia do homem amarelo.

O percurso da pesquisa foi difícil devido ao teor de diversos comentários e representações que, de uma maneira ou de outra, diziam respeito também a mim – porque é também o meu corpo que está impresso em tela nos vídeos analisados, é o meu corpo que está em discussão nos comentários e é ele o objeto de uma fantasia racial embasada em um processo de racialização no qual eu vivo cotidianamente. Ao mesmo tempo, foi um percurso necessário para a construção da minha própria identidade e para que eu pudesse entender certos fenômenos que aconteciam – e acontecem – na minha vida enquanto um homem amarelo gay. Considero esta pesquisa e seus resultados um ponto de partida para tentar compreender melhor as relações de poder que se articulam dentro de certos ativismos LGBTs que invisibilizam corpos não-brancos em prol da manutenção de sua própria hegemonia.

Vale ressaltar também que este trabalho levantou mais questionamentos em torno da fetichização do corpo do homem amarelo a partir de seu consumo na pornografia gay ocidental. Dentro da minha própria experiência enquanto um homem

gay amarelo, me vi sendo rejeitado afetivamente devido ao meu fenótipo em diversas situações da minha adolescência e começo da vida adulta. Sempre houve, entretanto, um nicho de pessoas que gostavam de cultura leste-asiática que me viam como um corpo desejável, ainda que idealizado e sem uma identidade própria – como uma fantasia sexual exótica. Isso se intensificou – e digo isso a partir da minha experiência pessoal – com a entrada do *soft power* sul-coreano no Brasil, sobretudo com o K-Pop. Alguns usuários cujos comentários estão presentes nos vídeos analisados possuíam fotos de ídolos sul-coreanos nos seus perfis, o que me faz supor que são fãs de cultura leste-asiática e tem um maior contato com uma representação de homens amarelos, que se popularizou com a música pop sul-coreana.

Apenas como curiosidade, verifiquei as hashtags mais procuradas do Pornhub nos últimos anos e percebi que a procura pela categoria *Korean* aumentou drasticamente. Em 2015⁶² e 2016⁶³, a tag sequer constava dentre os termos mais procurados mundialmente no site. Em 2017⁶⁴, entretanto, houve um grande aumento de procura e ele começou a constar como um dos mais procurados do ano. Em 2018⁶⁵, subiu para o décimo lugar no rank. Concomitantemente, o fenômeno da cultura sul-coreana no Ocidente aumentou, sobretudo em relação ao consumo do K-Pop e dos K-Dramas⁶⁶. Pretendo, futuramente, em outra pesquisa tentar fazer uma análise em torno do aumento desta procura, tentando relacionar com uma mudança nas dinâmicas de desejo em relação ao indivíduo amarelo.

O corpo amarelo, por conta de, nos últimos anos, ter havido uma grande mudança em termos de representatividade asiática, aparenta ser visto como um corpo mais desejável. Entretanto, seria esse desejo fruto da reinvenção de estereótipos raciais? A meu ver, tais corpos continuam sendo objetos de um olhar branco que o racializa e o enquadra em diversos estereótipos presentes no imaginário racial da branquitude. Resta-nos pensar de que maneira será possível promover um movimento contra-hegemônico em termos representacionais que mude não só a representação de indivíduos amarelos, como também o olhar de quem os consome.

⁶²Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2015-year-in-review>. Acesso em: 20/06/2019

⁶³ Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>. Acesso em: 20/06/2019

⁶⁴ Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>. Acesso em: 20/06/2019

⁶⁵ Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>. Acesso em: 20/06/2019

⁶⁶ Dramas sul-coreanos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge. A relação entre a mídia e a sociedade civil em Gramsci. *Compolítica*, v. 1, n. 1, p. 119-132, 2011.

BÉRUBÉ, Allan. *My desire for history: Essays in gay, community, and labor history*. Univ of North Carolina Press, 2011.

CHEN, Chiung Hwang. Feminization of Asian (American) men in the US mass media: an analysis of *The Ballad of Little Jo*. *Journal of Communication Inquiry*, v. 20, n. 2,

p. 57-71, 1996.

DAROYA, Emerich. Potatoes and rice: exploring the racial politics of gay men's desires and desirability. 2011. Tese de Doutorado. Carleton University.

DYER, Richard. White. NY: Routledge, 1997

FUNG, Richard. Looking for My Penis: The Eroticized Asian in Gay Video Porn. In: Bad Object-choices (Eds). How Do I Look? Queer Film & Video, pp. 145-168. Seattle: Bay Press, 1991.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

HOANG, Nguyen Tan. The resurrection of Brandon Lee: The making of a gay Asian American porn star. Porn studies, p. 223-270, 2004.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KIM, Claire Jean. The racial triangulation of Asian Americans. Politics & Society, v. 27, n. 1, p. 105-138, 1999.

LANDY, Marcia. Film, politics, and Gramsci. U of Minnesota Press, 1994.

LEE, Erika. At America's gates: Chinese immigration during the exclusion era, 1882-1943. Univ of North Carolina Press, 2003.

LEHMAN, Peter. Running scared: Masculinity and the representation of the male body. Wayne State University Press, 2007.

PARK, Michael. Asian American masculinity eclipsed: A legal and historical perspective of emasculation through US immigration practices. Mod. Am., v. 8, p. 5, 2012.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Caynã de Camargo; ACEVEDO, Claudia Rosa. A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. Revista Psicologia Política, v. 13, n. 27, p. 281-300, 2013.

SHIMABUKO, Gabriela Akemi. *Para além da fábula das três raças: uma introdução à percepção racial do amarelo e do japonês no Brasil*. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37653157/Para_al%C3%A9m_da_f%C3%A1bula_das_tr

%C3%AAs_ra%C3%A7as_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_percep%C3%A7%C3%A3o_racial_do_amarelo_e_do_japon%C3%AAs_no_Brasil. Acesso em: 20/06/2019.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. Entre gueixas e samurais: A imigração japonesa nas revistas ilustradas (1897-1945). 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WU, Ellen D. The color of success: Asian Americans and the origins of the model minority. Princeton University Press, 2015.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. Japoneses, a saga do povo do sol nascente. Lazuli Editora, 2008.

TAYLOR, Charles R.; LEE, Ju Yung. Not in vogue: Portrayals of Asian Americans in magazine advertising. *Journal of Public Policy & Marketing*, v. 13, n. 2, p. 239-245, 1994.

TSANG, Daniel C. Beyond'Looking for My Penis': Reflections on Asian Gay Male Video Porn. 1999.